

Violência na escola

O que é Violência?

A Violência é entendida por diferentes culturas, como o uso excessivo do emprego de força contra algo ou alguém.

A força bruta pode ser empregada de diferentes formas: física, psíquica, moral, ameaçando ou atemorizando baseada na ira que é utilizada simplesmente para agredir.

Entende-se, ainda, como violência toda ação contrária à ordem ou a disposição da natureza. É compreendida, também, como, qualquer ação que se afasta de sua natureza, que invade os limites de tolerância pessoal e/ou social e, não respeita a peculiaridade da pessoa humana

Na nossa sociedade a violência é considerada “uma prática educativa”, logo normal “- *Eu faço isto pelo teu bem*”, admite-se ser uma forma eficaz de controlar o comportamento inadequado de alguém, assim sendo, passa a ser aceito até pela própria criança.

A sociedade mundial não tem dado a devida atenção às crianças e adolescentes que são socialmente frágeis e, que muitas vezes adotam condutas violentas como forma de autoproteção, ou reproduzindo a violência em que vive.

Incidência da violência por idade da vítima

IDADE	0-6 anos	7-14 anos	15-18 anos	Total
Violência Física	765	2.194	477	3.436
Violência Psicológica	828	2.793	719	4.340
Abuso Sexual	2.383	8.674	2.193	13.250
Exploração Sexual	37	1.503	1.347	2.887
Negligência	923	2.574	576	4.073
Total	4.936	17.738	5.282	27.986

Fonte: Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. 11/12/2006.

Estudos têm demonstrado que aqueles que sofrem violência na infância, tanto podem reproduzi-la, como tornarem-se submissos e passivos por acreditarem que são merecedores.

A violência nas escolas

Não é um fenômeno novo. Todavia vem assumindo proporções tais que a escola não sabe que medidas tomar para sanar este problema.

“É fato que tais acontecimentos trazem à luz questões até então negligenciadas no passado, como a violência entre os estudantes.”

Os trotes universitários, humilhantes e violentos, ainda são pouco discutidos e só ganham visibilidade quando os meios de comunicação veiculam cenas de barbárie.

A literatura mostra a existência desse costume em diversos países, no Brasil, surgiu como herança de Coimbra.

Os trotes em algumas instituições brasileiras já fizeram inúmeras vítimas. O primeiro registro de morte, de um aluno da Faculdade de Direito, ocorreu em Recife, em 1831.

Trotes: Brincadeira ou Violência Camuflada?

Deve ser considerado como um mecanismo de dominação fundamentado por discriminação, intolerância, violência e preconceitos de classe, etnia e gênero.

O abuso de poder é sua marca principal.

E o que seria um ato pontual, muitas vezes acaba se estendendo numa série de ações repetitivas e deliberadas. Podendo produzir nas vítimas mudança de conduta que repercutirão na sua vida afetiva, acadêmica, familiar, social e profissional.

Estudos sobre este tema afirmam que se trata de um ritual de exclusão, não tendo, portanto, a intenção de integrar.

O mais cruel deste ritual, é que a vítima tende a ser algoz no futuro. Mantendo-se o círculo vicioso da violência.

Bullying

“É caracterizado por violência recorrente, desequilíbrio de poder e intenção de humilhar; a prática, frequente nas escolas, pode levar as vítimas à depressão e ao suicídio”.

“Desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais”.

O bullying pode ser identificado a partir dos 3 anos, quando a “intencionalidade desses atos já pode ser observada”.(Cléo Fante)

Bullying = Intimidação = Ijime (Japão)

A intimidação por colegas é conhecida no Japão por *Ijime*, transformou-se numa questão social da maior importância, atraindo a atenção de muitos, indicando a percepção de um novo problema diferente da violência escolar, associando a imagem de crueldade de baixeza e de malevolência trazendo prejuízos essencialmente psicológicos a suas vítimas.

“Isso é só coisa de criança. Porque os adultos têm que se envolver?”

Foi compreendido como um problema de relações humanas a ser enfrentado pelas próprias crianças em sua vida cotidiana, e que deve ser deixado a cargo dos próprios estudantes, o restabelecimento da ordem. No entanto, se demonstrou que confiar no controle informal para resolver o problema só funciona quando os próprios estudantes têm a capacidade de exercer controle suficiente contra a intimidação, podendo resolver o problema surgido e restabelecer a ordem.

Difusão da responsabilidade

A própria identidade diminui enquanto os membros se entregam ao grupo, muitas vezes sentindo uma união satisfatória com os outros - “Eu não concordo com os atos que estão sendo praticados, mas se a maioria está fazendo, eu concordo”.

“Pesquisas revelam que 45% dos estudantes brasileiros estão envolvidos diretamente no fenômeno.”

Os diferentes papéis na prática do Bullying

Salmivalli (1996) descreve os seis papéis dos participantes na intimidação.

- Os intimidadores-líderes (os que tomam a iniciativa da intimidação),
- Os intimidadores-seguidores (que se juntam ao líder),
- Os reforçadores (que incentivam os intimidadores e riem das vítimas),
- Os defensores (que defendem as vítimas),
- Os circunstantes (que se mantêm à margem) e
- As próprias vítimas.

Pensamento grupal – reforça a pressão.

Independentemente da idade dos envolvidos e do local onde ocorrem os assédios, parece haver entre aqueles que presenciam a situação certo grau de tolerância ou até mesmo de conivência.

Ex: gangues de jovens, torcidas de futebol, militares gananciosos, amotinados urbanos e o que os escandinavos chamam de “ataque de horda”, estudantes em grupo que se atormenta ou atacam reiteradamente um colega inseguro e fraco.

Do bullying para as gangues

Há ainda o problema da formação de grupos até gangues pela ação do agressor, que podem futuramente partir para a prática de atos de delinquência. A atuação preventiva nesses casos é a melhor saída.

Devemos coibir essas práticas e propagar, em vez da violência, a tolerância e a solidariedade. Agindo assim contribuiremos para reduzir a prática futura de crimes violentos decorrentes das situações de *bullying*. (Lélio Braga Calhau)

Manifestação na escola

A maior parte dos autores que investigam o problema da violência escolar aceita uma definição ampla que inclui atos de delinquência não necessariamente passíveis de punição, ou que, de qualquer forma, passam despercebidos pelo sistema jurídico.



É a forma virtual de praticar Bullying. É uma modalidade que vem preocupando especialistas, pais e educadores, em todo o mundo, por seu efeito multiplicador do sofrimento das vítimas. Na sua prática utilizam-se das modernas ferramentas da Internet e de outras tecnologias de informação e comunicação, móveis ou fixas, com o intuito de maltratar, humilhar e constranger. É uma forma de ataque perversa que extrapola em muito os muros da escola, ganhando dimensões incalculáveis.

Bullying no trabalho

No ambiente profissional essas práticas ocorrem tantas vezes que chegam a ser vistas como “normais”. Em função de sua frequência e intensidade estes atos podem ser caracterizados como “assédio moral”.

Os profissionais que sofrem o Bullying podem vir a desenvolver dificuldade de se expressar, principalmente em público, evitar assumir postos de liderança e apresentar déficit de concentração e insegurança, principalmente quando precisam resolver conflitos ou de tomar decisões. Ou seja, tornam-se presa fácil do assédio moral.

“Tanto no contexto profissional quanto na família há estreita ligação de dependência afetiva, emocional ou financeira entre os protagonistas, faz com que as vítimas em geral se calembem e carreguem consigo uma série de prejuízos psíquicos.” (Cléo Fante)

Como se caracteriza?

A intimidação geralmente é vista como um subconjunto dos comportamentos agressivos, sendo caracterizada por sua natureza repetitiva ou seja, a mesma vítima é tomada como alvo inúmeras vezes. E quase sempre existe desequilíbrio de poder

Além disso, a vítima não consegue se defender com facilidade por uma ou mais razões.

Bullying – seus efeitos

Os maus-tratos repetidos podem ao longo do tempo causar graves danos ao psiquismo e interferir negativamente no processo de desenvolvimento cognitivo, emocional, sensorial e socioeducacional.

É importante, porém, lembrar que estamos nos referindo a um comportamento repetitivo, deliberado e destrutivo, diferentemente de um comportamento agressivo pontual,

Trata-se de uma forma quase invisível, que sorrateiramente vai diminuindo o outro, como se fosse uma espécie de “assassinato psíquico”.

O pesquisador norueguês Dan Olweus, professor da Universidade de Bergen, reconhecido internacionalmente como pioneiro nas investigações sobre o fenômeno, observou os altos índices de suicídio entre os estudantes e constatou a relação com o bullying na escola.

"O Bullying fere o mais íntimo do ser humano, a sua alma"

Causa da reprodução da violência

1. Há uma interação agressiva entre os pais e filho caracterizada por reprimendas insultos e disciplina inconsistente, conduta irritável e explosiva, o que leva os filhos a adquirirem um comportamento agressivo como modelo.
2. Esta agressividade acaba determinando uma rejeição por parte dos outros, fracasso escolar e humor depressivo
3. Este processo é seguido por atos delituosos, passando a reproduzir a violência do lar, aderência a grupos de risco e abuso de substâncias, assim como por fracassos ocupacionais.

A taxa de mortalidade entre jovens (homicídios e suicídios), causada pela violência, vem aumentando no Brasil.

Liberdade ou Liberdades

Liberdade é um termo que deveria ser usado no plural, “*liberdades*”.

Liberdade para isso, para aquilo... e não para tudo, como exigem os adolescentes.

A tirania da liberdade incondicional, exigência que se dá sob o falso rótulo do *modernismo* e do *politicamente correto*, só interessa fortemente para aqueles que sobrevivem, e muito bem, do afã juvenil em ir, comprar, beber, beber, comprar e ir.

E esses mercenários da juventude não são, exatamente, donos de escolas, - são empresários da noite, traficantes, propagandistas de costumes...

Como os educadores devem agir?

Mente aberta para todas as possibilidades de solução do conflito e interação com os alunos daquele meio escolar. Sem a participação efetiva dos estudantes na *reconstrução* da situação problemática a resposta imposta pode ser temporária e não resolver o problema das vítimas.

Não é o princípio de autoridade por si só, que poderá acabar com essas ocorrências num determinado ambiente escolar.

Uma resposta imposta do meio externo tende a não ser aceita pelos estudantes em médio prazo.

Algumas medidas inibidoras:

- Jamais falar com o agressor sozinho. É mais seguro falar com ele perto de outras pessoas;
- Não responder às provocações;
- Não manter a agressão em segredo. Não se deixar intimidar.
- Relatar os fatos à família;
- Relatar aos professores, coordenadores, diretores ou responsáveis;

Atenção: Quando você denuncia o(os) agressor(es) está auxiliando-o(s).

Ele necessita de apoio e orientação, pois, certamente pode estar sofrendo violência na família, ou ter sofrido o bullying.

Considerando que o fenômeno da violência é muito amplo e surge em diversos contextos, resta então propor que toda a sociedade se mobilize para proteger os cidadãos de amanhã, para que tenham um projetos de vida. E não um futuro sombrio, envolvidos em sofrimento e privações.

“Paz nas Escolas e na Sociedade”

Bibliografia

Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos: Secretaria Especial dos Direitos Humanos / Presidência da República - Ministério da Justiça - Ministério da Educação - UNESCO/Brasil

CALHAU , Lélío Braga: - “Bullying: Implicações Criminológicas” - João Pessoa (PB 2008)

FANTE, Cleo: - Fenômeno Bullying “Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz” - (Verus, 2005).

Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária – (Belo Horizonte – 2004)

PAIXÃO, Diva Neida Lira Lima: - Direitos Humanos e a adolescência no contexto de uma sociedade violenta: “estudo de representações sociais”; Orientadora Ângela Maria de Liveira Almeida – LAPSIS

FREUD, Anna Infância normal e patológica (determinantes do desenvolvimento). 4ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara(1987).

Deliberações da VII Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente “Concretizar Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes: Um Investimento Obrigatório”. (Brasília 2007)

CINTRA, Camilo A. L., organização; AMARAL, Teresita E.S. e outros, coordenação. *Tribunal Permanente dos Povos: Glossário Geral. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco*

Fotos retiradas da internet.

AZEVEDO, Sónia Carla Aroso: - Universidade de Granada - Universidade Portucalense Granada/O Porto 2004. Portugal

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília:UNESCO,2002 <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128720POR.pdf>

Trabalho elaborado e compilado por:

AMARAL, Teresita E. S. – Psicóloga Clínica. Conselheira de Direitos Humanos pelo SEDH – Secretaria Especial de Direitos Humanos – Ministério da Justiça – Brasília. Pós Graduada Latus Sensu - em Violência Doméstica pelo Instituto de Psicologia da USP -LACRI/IPUSP.